



Uma efeméride crítica: Turner & Constable na Tate Britain



J.M.W. Turner, *Self Portrait*, c. 1799

Foto: Courtesy of Tate



John Constable by Ramsay Richard Reinagle, c. 1799. NPG 1786
Foto: National Portrait Gallery, London

Há exposições que funcionam como retrospectivas; outras, mais raras, funcionam como revisões de pensamento. A mostra da Tate Britain dedicada a J.M.W. Turner e John Constable pertence claramente ao segundo grupo. Organizada como celebração dos 250

anos do nascimento de ambos, ela transforma uma efeméride em argumento: não se trata apenas de homenagear dois mestres da paisagem britânica, mas de reconsiderá-los como forças ativas, em tensão contínua, na formação da pintura moderna.

A exposição *Turner & Constable Rivals & Originals* curada por Amy Concannon, assume desde o início um gesto ambicioso: recontextualizar Turner e Constable não como gênios isolados, mas como artistas cujas trajetórias se cruzam, se observam e se desafiam. O percurso deixa claro que a rivalidade entre eles não foi episódica nem anedótica, foi estrutural.

Essa rivalidade começa no ponto mais elementar: o *background social*. Turner nasce em Covent Garden, no coração de Londres, filho de um perueiro – artesão urbano ligado ao comércio e ao contato direto com o público. Cresce entre vitrines, teatros, ruas congestionadas e uma cidade em rápida transformação. Constable, em contraste, vem do interior de Suffolk, filho de um próspero dono de usina têxtil. Seu mundo é o do campo, da repetição, do ritmo da natureza e do trabalho ligado à terra. Onde Turner aprende cedo a lidar com o mercado, Constable herda uma relação quase afetiva com o lugar.

J.M.W. Turner, *Fishermen at Sea*, exh. 1796 Foto: Courtesy of Tate



Essas origens distintas se desdobram em duas concepções opostas de pintura. Turner nasce e prospera em Londres, conscientemente sujeito às pressões do mercado, às expectativas da crítica e às mudanças trazidas pela modernidade. Sua obra avança em direção ao risco: luz que devora a forma, atmosferas instáveis, uma beleza sublime que frequentemente flerta com a abstração. Em muitas telas, o motivo parece dissolver-se diante do olhar, como se a experiência sensorial fosse mais importante do que a representação fiel.

Constable, por sua vez, cresce no campo e constrói uma obra profundamente ligada à memória e ao território. Suffolk não é apenas um tema recorrente, mas um compromisso estético. Suas paisagens não buscam o excesso nem o espetáculo; insistem na observação, no peso das nuvens, na umidade do ar, na materialidade do mundo rural. Se Turner aponta para a dissolução da forma, Constable reafirma sua permanência.

John Constable, *The Wheatfield*, 1816

Foto: courtesy Clark Art Institute





J.M.W. Turner, *The Burning of the Houses of Lords and Commons*, 16 October 1834, 1835, Cleveland Museum of Art
Foto: Bequest of John L. Severance 1942.647

A exposição ganha especial densidade ao evidenciar como esses dois caminhos se vigiaram mutuamente. Ambos expuseram repetidamente na Royal Academy, acompanharam as reações da crítica e reagiram – direta ou indiretamente – às escolhas do outro. Um episódio célebre dessa disputa, dramatizado no filme Mr. Turner, do diretor Mike Leigh, reaparece aqui como chave interpretativa: em 1832, Turner retorna a uma sala expositiva para adicionar um pequeno e intenso ponto vermelho à sua pintura marítima, alterando o equilíbrio

cromático da parede onde uma grande obra de Constable já estava pendurada. Um gesto mínimo, estratégico, que Constable teria descrito como um “*tiro disparado*”.

Esse momento encapsula algo essencial. Turner pensa a pintura como confronto visual, como impacto imediato. Constable, desconfortável com esse jogo, permanece fiel à ideia de que a paisagem deve ser construída com tempo, repetição e estudo. A exposição não romantiza esse embate – mostra como ele impulsiona ambos.

Outro ponto alto do percurso é a presença dos *sketchbooks*. Ver de perto os cadernos de Turner – especialmente um desenho de pôr do sol de beleza quase vertiginosa – revela um artista em estado de atenção absoluta. Ali, longe da retórica da grande pintura, Turner observa a luz com uma liberdade quase íntima. Suas aquarelas, muitas delas fruto de viagens pela Europa, falam de deslocamento, de curiosidade e de um olhar que se transforma a cada paisagem atravessada. Turner viaja, absorve, traduz; Constable permanece, retorna, aprofunda.

Essa dimensão íntima da obra é algo que a crítica também destacou. No *Observer*, Laura Cumming chama atenção justamente para esses momentos menores, quase silenciosos, em que a exposição revela artistas para além do mito: não apenas rivais grandiosos, mas homens atentos, inseguros, obsessivos diante do mundo visível.

John Constable, *A Vivid Sunset*, 1820, Private Collection

Ao final, a mostra não pede que escolhamos um vencedor. O que ela propõe é mais complexo: entender que a paisagem britânica moderna nasce do atrito entre essas duas visões. Entre o sublime e o específico, entre o viajante e o habitante, entre a abstração luminosa de Turner e a fidelidade quase obstinada de Constable ao lugar.

Celebrar os 250 anos de ambos, aqui, não é um gesto comemorativo, mas crítico. A exposição mostra que Turner e Constable não apenas coexistiram – eles se definiram um contra o outro. E é justamente nessa fricção que a pintura de paisagem encontra sua modernidade.

SERVIÇO

Turner & Constable Rivals & Originals

Até 12 de abril

Tate Britain

Millbank – London SW1P 4RG

Entrada gratuita

